

### Boletim Diário

Para assinar o boletim de notícias preencha o formulário abaixo:

Nome   
Email

## Nova Iorque: um novo prefeito para a capital do capital

ESCRITO POR GREGÓRIO CARBONI MAESTRI, DE NOVA IORQUE, PARA O CORREIO DA CIDADANIA  
SEGUNDA, 11 DE NOVEMBRO DE 2013

Curtir  Tweet



Arquivo - Editoriais

### Vídeos

## Entre a cheia e o vazio



A cheia histórica do rio Madeira em 2014 e seus nexos com as UHEs Santo Antônio e Jirau.  
[Leia mais...](#)

Vídeos - Arquivos

### Brasil nas Ruas

Confira os artigos sobre manifestações e movimentos sociais no Brasil.

[Arquivo - Artigos](#)

### Áudios

Correio da Cidadania, rádio Central 3 e Revista Vaidapé fazem "debate autônomo" sobre as eleições

[Leia mais...](#)

Áudios - Arquivo

### Artigos

- Memória Plínio de Arruda
- Brasil nas Ruas
- Política
- Social
- Internacional
- America Latina
- Economia
- Meio Ambiente
- Cultura e Esporte
- Esporte
- Resenhas
- Notas em Destaque
- Entrevistas 2014

### Resenha

## Daniel Aarão Reis e a biografia de Luiz Carlos Prestes: a falsificação da história por um historiador

Luís Carlos Prestes. Um revolucionário entre dois mundos, de Daniel Aarão



"Brooklyn Bed-Stuy, Black-Tree".  
Foto: Gregorio Carboni Maestri, 2013.

Enrique é nova-iorquino de 34 anos, puro e duro, viajado, filho de trabalhadores colombianos. É de esquerda, participou no movimento *Occupy*. Conhece a sub-cultura metropolitana nova-iorquina e, como muitos de sua geração, lembra com nostalgia a Nova Iorque pré-1995. Sim, a cidade era suja, perigosa, devido à introdução do *crack* dos anos pós-Vietnã. As conseqüências sociais do capitalismo mutante dos últimos anos 70 e a crise social produzida pelos anos Reagan despejavam na cidade desemprego, miséria, prostitutas. Mas, ao mesmo tempo, havia oposição, um resto de oposição. Uma oposiçãozinha política, social, cultural.

Eram os anos do refluxo. Mas como o beira-mar de Rockaways, em Nova Iorque, em maré baixa, o leito da praia era fértil, a areia repleta de espuma salgada, de conchas de contracultura que sobressaíam na superfície. Este refluxo foi mais complexo em Nova Iorque que em outras cidades estadunidenses. Nova Iorque é cidade de trabalhadores, muitos dos quais públicos, organizados em sindicatos, com uma longa história de lutas, não raro duramente reprimidas. Uma história que vai além da caricatura de cidade de *yuppies* da finança. Para que se tenha uma ideia, *The Chief*, um jornal muito lido e vendido em todas as bancas de Nova Iorque, se ocupa exclusivamente de questões ligadas aos trabalhadores públicos, desde 1897!

Anos 80, de cultura urbana *underground*, popular, negra, resíduo de movimento afro-estadunidense recém-derrotado. No *Bronx*, em *Harlem*, no *Brooklyn*, a nova fotografia imortalizava as ruas e os "cortiços" que invadiam os lindos edifícios da antiga burguesia oitocentista. Nova musica *pop*, *r'n'b*, *rap*, *Dj's*. Jovens artistas pululavam no bairro de *SoHo*, ocupando grandes espaços históricos da primeira indústria. Os micro-editores publicavam uma nova geração de escritores descendentes de imigrantes latinos, que naqueles anos lutavam por mais direitos. As micro-galerias expunham *writers* de rua, a arte dos "últimos", dos gays, do movimento *Queer*. Em 1985, concluía-se a experiência da revista *Oppositions* e do *Institute for Architecture and Urban Studies*, que revolucionara durante a década de '70 a arquitetura estadunidense. Havia um bom cinema nova-iorquino: *Cruising*, *Gloria*, *Permanent Vacation*, *Raging Bull* e, até mesmo, acreditem, televisão que ainda conseguia expressar a realidade urbana de Nova Iorque: "The Bronx Zoo", "Equalizer", "Fame", "Cagney & Lacey".

### Minha amiga prostituta

A distribuição étnica e social no território, sobretudo de Manhattan, resultara de um século intenso de industrialização capitalista, de uma classe trabalhadora que permeou cada poro da ilha. Etnias e nacionalidades, pobres e ricos, viviam o conflito urbano em um espaço muito vivo. No distrito financeiro, conta Enrique, até meados de '90, à noite, era território das *gangs*, *off limits* para os *yuppies* engravatados. Um pouco distante, nos bairros históricos da ex-Nova *Amsterdam*, aposentados *brancos* viviam perto de *negros* e ricos perto de classe média. Por quê? Porque, em Nova Iorque, muitos dos alugueis eram tabelados e os preços das casas relativamente baixos.

A dona da lavanderia onde eu costumo lavar a roupa em *Brooklyn* contava como até aquela época, para fechar a loja, pagava jovens traficantes para protegê-la, contra outros traficantes, e no metrô, cruzava cada noite com prostitutas, já suas conhecidas, com quem fizera amizade. Neste contexto, nos primeiros anos 80, nessa Nova Iorque complexa, um jovem estudante cabeludo da *Columbia University*, Bill De Blasio, nascido no seio de família de classe média baixa, de origem italiana e alemã, com mãe solteira e pai ex-veterano, alcoólatra, suicida. Bill,

### Colunistas

#### Política

- Léo Lince
- Wladimir Pomar
- Waldemar Rossi
- Fernando Silva
- Frei Betto
- Dicionário da Cidadania

#### Internacional

- Luiz Eça
- Virgílio Arraes
- Ramez Philippe Maalouf
- Eduardo Gudynas
- Achille Lollo

#### Economia

- Guilherme Delgado
- Paulo Passarinho
- Paulo Metri

#### Ambiente e Cidadania

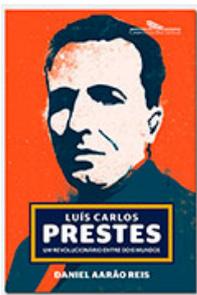
- Danilo Di Giorgi
- Rodolfo Salm
- Rogério Grassetto Teixeira da Cunha

#### Cultura e Esporte

- Telma Monteiro
- Gabriel Perissé
- Cassiano Terra Rodrigues
- Gabriel Brito

### Ex-colunistas

- Osiris Lopes Filho
- Jorge Almeida
- Henrique Júdice
- Fábio Luiz
- Mateus Alves
- Luiz Antonio



Reis, Editora Companhia das Letras, 592 págs, Ano 2014

[Leia mais...](#)

Arquivo de Resenhas



## Especiais

Entrevistas da Redação em 2014

O Chile de Allende: tensões políticas, militares e classistas

Especial Wladimir Pomar: classes e luta de classes

Especial 50 anos do Golpe Militar

Especial MST 30 anos Entrevistas e matérias da Redação em 2013

O Brasil e o petróleo em 2013

Da (Anti)Reforma Urbana brasileira a um novo ciclo de lutas nas cidades

Entrevistas da Redação em 2012

Políticas Culturais em Debate

Belo Monte, Belo Monstro

Alguns comentários sobre o pacote habitacional Minha Casa, Minha Vida'

Especial Política Econômica

Setor elétrico: uma história de descaminhos

Léo Lince: Reforma Política

Pacote Ecológico de Crescimento: Energia Elétrica

Trabalho: fixo, errante ou fragmentado

Hugo Chávez e a "liberdade de imprensa"

Previdência: uma longa história de

de esquerda, vai de viagem de estudos para a União Soviética. Casa-se com uma ativista do movimento negro, Chirlane McCray, com a qual celebra lua-de-mel em ... Cuba, do bloqueio. Vai à Nicarágua, durante a Revolução, em solidariedade ao sandinismo, que apoia ativamente. Mas sua fase juvenil radical termina aí, com o final dos 80. Então, entra na carreira política institucional, que nunca abandonará, tornando-se parte da burocracia do Partido Democrata, que, desde 1970, sempre governou a *Big Apple*.

### O fim do ciclo do crack

Com os primeiros anos 90, a administração democrata consegue gradual diminuição da criminalidade, que baixa desde então, chegando aos dias de hoje a um nível pré-1965. Os especialistas dizem que o fenômeno está ligado ao fim do "ciclo" do *crack*; à legalização da interrupção de gravidez gratuita, certo crescimento de programas sociais, fim da fase recessiva aguda e aumento maciço do policiamento repressivo nos bairros pobres. Mas, em princípios de 1990, a situação era, ainda, sobretudo esteticamente, intolerável para a *elite* da capital do Império. Demasiados negros, demasiados latinos, demasiados chineses, demasiados pobres e demasiadas putas. Todos eles, demasiadamente perto.

A situação muda radicalmente depois de 1995. Como? "Chegou o prefeito-xerife! O Giuliani!", exclama desesperado Enrique, contando como, com ele, a cidade será diferente. E o que Giuliani fez, primeiro, para "limpar" a cidade? Simples: liberdade de mercado para os especuladores. Liberalizou os aluguéis e os preços das casas. Liberou totalmente a construção de novos edifícios. Em poucos meses, os preços dispararam, expulsando *naturalmente* a classe média, branca e negra, e os pobres, sobretudo negros e latinos, para as periferias distantes. O policiamento que os democratas começaram tornou-se permanente, total, com a possibilidade da abordagem, da revista e da prisão de qualquer pessoa, por qualquer motivo. Com a polícia com o direito de entrar pelas janelas nos apartamentos. Os objetos das abordagens eram, não é necessário dizer, quase sempre negros e latinos, ou seja, pobres.

### A era do capital

Muita repressão e capitalismo depois, em menos de uma década, Nova Iorque transformou-se em uma espécie de paraíso burguês. Uma "jóia" de limpeza, de segurança, de ordem e de progresso. Não há um grafite selvagem ou um papel no chão. A taxa de criminalidade é a mais baixa do país, com menos de dois homicídios e de um roubo de bens ou de carros por dia, para uma população de quase dez milhões de habitantes. E os homicídios e roubos que ocorrem, acontecem, sobretudo, longe dos ricos, nas periferias, entre brancos, negros e pardos pobres.

Os anos 2000 celebravam a glória do liberalismo - a cidade torna-se caríssima, muito chique. Uma fase celebrada pelo esnobismo de mau gosto da série *Sex and the City*. As classes dominantes estavam felizes. No bairro *SoHo*, dominavam então as grandes galerias para os ricos colecionadores. Finalmente, o centro de Manhattan pertencia a uma só classe.

### A cidade dos desejos

Seu nome não é inventado, nem um trocadilho. *Abbondanza* é uma suíça de língua italiana que vive há décadas em Nova Iorque. Vende e aluga apartamentos de luxo para milionários, alguns deles brasileiros. Possui um enorme apartamento, nos últimos andares de um arranha-céu, com vista deslumbrante sobre o *Central Park*, em *Columbus Circle*, um dos pontos mais exclusivos da cidade. Conta com misto de desgosto e satisfação como, até a chegada do *Santo* Giuliani, ao voltar com seu marido para casa, à noite, naquele mesmo bairro, cruzavam por uma multidão de putas que, depois de anos, acabaram conhecendo, a todas, pelo nome. Pouco depois de 1995, ano em que inicia a era Giuliani, elas sumiram. "Aonde foram parar?" pergunta *Abbondanza*. "Ninguém sabe!", ela mesma responde.

Oito anos mais tarde, Giuliani foi seguido pelo líder dos capitalistas nova-iorquinos, Bloomberg, que continuou a obra do prefeito-xerife. Em três mandatos, um terço do território de Nova Iorque foi cedido à especulação. Não se construiu uma moradia social e o que se fez de público foi feito nos bairros ricos, para valorizá-los. Em média, hoje, um trabalhador paga, por um quarto, em apartamento compartilhado, no mínimo mil dólares! E o discurso dominante das classes dominantes é: "a cidade nunca esteve tão bonita! Não há um criminoso nas ruas! Não se vê uma puta. A miséria desapareceu! A vida é uma maravilha!".

### A cidade invisível

Mas qual foi a contrapartida? Nova Iorque, que tem um PIB de 1,2 trilhão de dólares, quase a metade da riqueza brasileira, jamais, como hoje, foi socialmente tão desigual. Desde a Grande Depressão, em início dos anos 1930, não havia tantos miseráveis: mais de cinquenta mil sem teto; mais de doze mil famílias sem casa; mais de 22 mil crianças vivendo na miséria absoluta. Uma enorme parte da sua população se equilibra duramente para sobreviver, sem qualquer certeza para o futuro. A magia que operaram os representantes do grande capital foi fazer um "vapt vupt", lançando os pobres, miseráveis e precários mais visíveis sob o tapete! A pobreza branca, negra e parda foi embretada na periferia, situação que lhe dificultava, já materialmente, incomodar os que importam. Em palavras simples: pobre, hoje, tem que viajar para roubar! A única coisa que se vê são os mendigos no metrô, enquanto reverbera a voz do *big brother* lembrando aos viajantes que "dar esmola é favorecer a mendicância", sobretudo, "é proibido!".

Nesse contexto que subentendia a destruição da esquerda e dos grupos sociais organizados, o movimento *Occupy*, do pós-crise de 2008, irrompeu como expressão da vontade de mudança na seio de importantes segmentos da população. Mas ele sumiu tão rapidamente quanto foi intensa sua chegada. E isso graças ao seu literal desprezo para com a organização sindical e partidária e pela já velha e inarredável lição do marxismo, também olímpicamente menosprezado, de que a luta de classe pelo domínio dos meios de produção é a única solução à barbárie capitalista. Jamais compreenderam que não bastava ocupar, simbolicamente, o capital; havia que lutar por

Magalhães

## A Ordem na

Mídia

## 'Esperamos que o governo avance um novo marco regulatório para as comunicações'

"Enquanto a imensa maioria do espectro radiofônico é controlada por grupos empresariais que visam o lucro, as emissoras comunitárias carecem de apoio, quando não são criminalizadas. O acesso à internet ainda é excludente. O exercício da liberdade de expressão é praticado por quem detém a propriedade", resumiu a jornalista Bia Barbosa.

[Leia mais...](#)

Arquivo - A Ordem na mídia



fabricação de mitos  
rumo à privatização  
A não declarada  
Política Nacional de  
Meio Ambiente  
Previdência: dossiê  
das falácias  
Biocombustíveis em  
questão

## Plínio de Arruda

### MEMÓRIA

Confira os textos em homenagem a Plínio

[Leia Mais](#)

## Plínio em Imagens

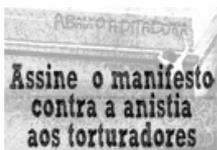


[Confira a vida de Plínio](#)

## Charge



## Arquivo de Charges



## Artigos por data

[Dec](#) January 2015 [Feb](#)

S M T W T F S  
1 2 3  
4 [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) 9 10  
11 [12](#) [13](#) 14 [15](#) [16](#) 17  
18 [19](#) 20 21 22 23 24  
25 26 27 28 29 30 31

## Links RSS



controlá-lo e expropriá-lo!

## A inconseqüência do Occupy

Os poderes fortes do capitalismo adoraram a inconseqüência do Occupy. Desculpem-me a imagem forte, foi simplesmente como esmagar um caracol com o salto do sapato. Isso, associado ao *obamismo*, fez com que hoje, em Nova Iorque, não haja traço sensível de oposição política. A insatisfação para com uma vida em que o capital domina cada instante cotidiano; o desgosto por uma cidade elitista, economicamente violenta, totalmente ditatorial, introjeta em cada nova-iorquino *normal* um inconsciente, mas pesado e solitário, sentimento e desejo de um futuro e uma vida melhores, diferentes. Mas não consegue expressá-lo e não há quem materialize esse sentimento em um projeto social e político.

Foi neste contexto que o jovem cabeludo dos anos '80, De Blasio, agora de cabelinho curto e bem vestido, candidatou-se a prefeito. Desde finais daquela década, De Blasio era burocrata do Partido Democrata, participando da administração de bairros de Brooklyn com muita visibilidade e aparente proximidade ao povo. Mas, no frígido dos ovos, em vinte anos, pouco ou nada fez para os trabalhadores e populares. O que fez, sim, foi apoiar as políticas de Bloomberg, apesar de muita oposição no "blá blá blá", e de sustentar os interesses dos construtores, que agradeceram sua ação financiando ricamente sua campanha. Qualquer semelhança com o Brasil é mera coincidência.

## Bandeiras vermelhas

Interpretando a vontade de mais radicalidade, de um giro à *esquerda*, de maior intervenção pública dos poderes públicos na vida cotidiana da população, construiu uma campanha - até esteticamente - insólita, em verdade talvez jamais vista nos EUA. Muito parecida com o que o PT costumava fazer: fundo vermelho - que aqui é a cor do comunismo! Slogans claramente radicais e de esquerda: Impostos mais altos aos ricos! Mais casas sociais aos pobres e à classe média! Menos desigualdades econômicas! Os ricos de Wall-Street também devem pagar! O prefeito para os "99%!" A adesão dos sindicatos e da população foi fulgurante, imediata. E o casal multiétnico dava aos De Blasio's uma estética de grande sucesso. O filho Dante, penteado à moda das Panteras Negras, foi um magnífico mascote.

A vitória foi esmagadora, 72%. Nem o Lula faria tanto! Minha bola de cristal me disse que, nesse mandato, as modificações para os trabalhadores e para a população serão poucas ou nulas. Que a crise econômica vai piorar ainda mais as condições populares de vida. Que a decepção pelo prefeito "comunista" será grande e, com ela, um refluxo ainda maior da esquerda na cidade.

## Não há dinheiro!

Eleito, De Blasio anunciou que as centenas de milhares de trabalhadores públicos da prefeitura com contrato vencido há anos não poderão ser renovados. Não há dinheiro! Vai renovar alguns contratos, em troca de "concessões" dos sindicatos para diminuição de salários. Quanto a sua obsessão histórica, as casas para os pobres, qual é seu plano? Dar ainda mais autorizações de edificação a empreendedores especulativos, com vantagens econômicas atrativas, desde que construam, como "uma parte" dos prédios, algumas habitações para classe média ou pobre. São as *cotas* que chegam à especulação imobiliária. A prefeitura de NY não construirá nada! E a tal de taxa para os ricos? Sem a autorização do governo do estado de Nova Iorque, não será possível brincar de Robin Hood, já se propõe.

Única notícia positiva neste mar de tristezas onde um *camarada* do passado se elege para seguir a política do capital são dois candidatos, Anthony Gronowicz, do Partido Verde, professor universitário, boa pessoa, vagamente de esquerda; e Daniel Fein, do *Socialist Worker*, montador mecânico em uma fábrica de eletrônicos, único candidato *camarada* a sério, com um programa socialista para os trabalhadores. Juntos tiveram quase 6 mil votos. Não é muito, mas já que ninguém registrou o feito, eu o faço.

Gregório Carboni Maestri, 36, arquiteto, é belga, italiano e brasileiro. Doutorando em *Architettura, Progettazione Architettonica e Restauro del Moderno* (Universidades de Palermo, Nápoles, Parma e Reggio Calabria; Academia de Brera e Politecnico de Milão). É atualmente *Visiting Research Scholar* pela Columbia University em Nova Iorque. Contato: gc2589(0)columbia.edu

Curtir 13

Tweet 0

Recomendar

ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO EM SEGUNDA, 18 DE NOVEMBRO DE 2013

A publicação deste texto é livre, desde que citada a fonte e o endereço eletrônico da página do Correio da Cidadania

Para ajudar o Correio da Cidadania e a construção da mídia independente, você pode contribuir clicando abaixo.



## Comente

## Áudios - Arquivo

envolverde  
Revista Digital



